

RESILIÊNCIA: ALGUMAS REFLEXÕES FRENTE AO SABER E FAZER PROFISSIONAL NA PÓS-MODERNIDADE

**Resilience: some reflections about the professional performance
in post-modernity**

Cristiana Montibeller¹
Graciela Fochi¹
Edilson Duarte dos Santos²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo explorar, analisar e refletir sobre o conceito de resiliência, frente ao saber e ao fazer profissional na pós-modernidade, assunto que vem sendo abordado com afinco diante de tantos dilemas na era da complexidade que abrange não somente uma ou outra profissão, mas envolve diversas profissões, em qualquer lugar e tempo. A resiliência é um termo que, quando entendido, faz reconhecer o sentido que se quer ter quando falamos em sujeito e objeto, assim o ser humano sujeito é aquele resiliente. No entanto, o ser humano objeto é o oposto, é o não resiliente. Assim, a resiliência é uma capacidade desenvolvida na pessoa por ela própria no decurso da vida pessoal e profissional. Pretende-se trazer à tona reflexões importantes, abrangendo discussões e análises a partir do referencial teórico de cada autor, discutindo temas e desafios da pós-modernidade.

Palavras-chave: Resiliência. Educação. Profissão. Pós-modernidade.

Abstract: This work aims to explore, analyze and reflect on the concept of resilience, compared to the knowledge and professional do in postmodernity, an issue that has been tackled hard on so many dilemmas in the era of complexity that covers not only either profession, but involves various professions, in any place and time. Resilience is a term that, when understood, does recognize the sense that we want to have when we talk about the subject and object, so the subject human being is one resilient. However, the human object is the opposite, it is not resilient. Thus, resilience is a capacity developed in person for itself in the course of personal and professional life. It is intended to bring up important reflections, covering discussions and analysis from the theoretical framework of each author, discussing issues and challenges of postmodernity.

Keywords: Resilience. Education. Profession. Postmodernity.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo explorar, analisar e refletir sobre a resiliência, frente ao saber e ao fazer profissional na pós-modernidade, assunto que vem sendo abordado com afinco diante de tantos dilemas na era da complexidade que abrange não somente uma ou outra profissão, mas diversas, em qualquer tempo e lugar.

Pretende-se abranger e trazer à tona reflexões importantes, abrangendo discussões e análises a partir do referencial teórico e prático de cada autor, discutindo temas tais como a pós-modernidade e seus entraves.

Por que refletir sobre o termo resiliência?

Bem, para começar a discussão, precisamos entender o significado da palavra resiliência, que possui pouco uso na linguagem comum, tanto falada como escrita, e não é frequentemente utilizada na prática por não ser conhecida e difundida.

¹ Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSSELVI. Rodovia BR-470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

² Universidade Federal do Pará – UFPA, Instituto Federal do Pará – IFPA, Grupo FORMAR Ciências, da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas/SP - Unicamp.
E-mails: prof.edilson santos@gmail.com; edilson.santos@uol.com.br

A resiliência é um termo que, quando entendido, faz reconhecer qual o sentido que se quer ter quando falamos em sujeito e objeto, assim o ser humano sujeito é aquele resiliente. No entanto, o ser humano objeto é o oposto, é o não resiliente. Assim, a resiliência é uma capacidade desenvolvida na pessoa por ela própria no decurso da vida pessoal e profissional.

[Resiliência é] Originária do latim, a palavra *resilio* significa retornar a um estado anterior, sendo utilizada, na Engenharia e na Física, para definir a capacidade de um corpo físico voltar ao seu estado normal, depois de haver sofrido uma pressão sobre si. Os experimentos clássicos que proporcionaram a descoberta do construto resiliência foram realizados a partir da aplicação de determinada pressão a um fio, visando a determinar sua deformação elástica; quando cessava a pressão, o material voltava à sua condição original. Tais descobertas indicaram que os materiais possuem curvas de deformação elástica e que sua resiliência está associada ao grau de elasticidade que este suporta sem se deformar. Transportado para o campo das Ciências Humanas, esse conceito tem sido utilizado para descrever a capacidade de um indivíduo ou grupo de indivíduos, mesmo num ambiente desfavorável, de se construir ou se reconstruir positivamente frente às adversidades. Iniciadas com a observação de formas positivas de conduta de crianças e/ou grupos de indivíduos que vivem ou viveram em condições adversas, as pesquisas estenderam-se posteriormente para o estudo das reações psicológicas diante de situações traumáticas individuais - tais como estupro e abuso sexual - ou coletivas - ataques terroristas e catástrofes ambientais (YUNES, 2003; BARLACH, 2005 apud BARLACH; LIMONGI-FRANCA; MALVEZZI, 2008, p. 102)

Cabe ressaltar que o termo resiliência tem a ver com voltar a um estado anterior, em retorno, assim como na Engenharia e na Física, novamente enfatizando, visto que por incrível que pareça, os experimentos clássicos que proporcionaram a descoberta do construto resiliência foram realizados a partir da aplicação de determinada pressão a um fio, visando a determinar sua deformação elástica, que, quando cessava a pressão, o material voltava à sua condição original, por isso que muitas experiências e descobertas indicaram que os materiais possuem curvas de deformação elástica e que sua resiliência está associada ao grau de elasticidade que este suporta sem se deformar. Assim, fazendo uma analogia e comparando à área humana, esse conceito tem sido utilizado para descrever a capacidade de um indivíduo ou grupo de indivíduos, mesmo num ambiente desfavorável, de se construir ou se reconstruir positivamente frente às adversidades.

Compreende-se a resiliência como uma espécie de competência, que se manifesta diante dos problemas da vida, possibilita o desenvolvimento pessoal e a reunião de forças diante das circunstâncias desfavoráveis; a resiliência “refere-se à capacidade de o indivíduo enfrentar as adversidades, manter uma habilidade adaptativa, ser transformado por elas, recuperar-se ou conseguir superá-las” (SORDI; MANFRO; HAUCK, 2011, apud NASCIMENTO, 2015, p. 72). Assim, podemos constatar que é possível que indivíduos que vivem ou já viveram condições adversas possam reconstruir de forma saudável suas vidas, superando situações adversas, traumáticas, ditas irreparáveis.

Em latim, *resilio* significa retornar a um estado anterior. Na Física, o termo descreve a capacidade de um corpo físico de voltar ao normal, após ter sofrido pressão sobre si. Trata-se de uma energia de deformação máxima que um corpo é capaz de armazenar, sem sofrer deformações permanentes; em outras palavras, diz respeito à capacidade de um corpo absorver energia sem sofrer transformação plástica irreversível. [...] Cabe observar que a transposição da ideia de resiliência do mundo das coisas físicas para o mundo humano requer mediações e cuidados, bem como algumas indagações. Por exemplo: será possível ao ser humano “voltar a ser o que era”, após sofrer uma

grande pressão? E, se isso for possível, ou seja, se o ser humano não se transformar verdadeiramente frente a uma adversidade, será isso saudável? (GOLDSTEIN, 2012, p. 328).

Interessante se faz relacionar a física com as demais ciências, sejam elas naturais ou humanas, abordadas por filósofos ou cientistas. Por exemplo: podemos recordar sobre a primeira forma de definição da Sociologia, enquanto física social: estática e dinâmica - que procurava analisar e compreender a sociedade no sentido da organização (ordem) e da reformulação (progresso). O francês Augusto Comte (1798-1857), filósofo e matemático, foi o primeiro teórico a definir a Sociologia nessa perspectiva, sendo que ficou conhecido como o fundador da primeira forma de pensamento social caracterizado como o positivismo (estado científico) (MONTIBELLER, 2011).

Podemos enfatizar de forma bem rudimentar e subjetiva que as principais leis da física, como, por exemplo, na dinâmica dos fluidos, fazendo uma analogia com o social, também não deixa de ser, pois assim como o comportamento de um fluido se move ao longo de um tubo ou conduto, o comportamento humano também fluiu e continua fluindo através dos sistemas sociopolíticos e econômicos (condutos sociais) que foram instituídos pelos próprios homens ao longo da história e continuam sendo alterados, transformados, construídos na atualidade de forma amena e, por vezes, de forma vulgar e contraditória, ou seja, pacificamente enquanto homem ser objeto e ativamente enquanto sujeito da história humana e social (MONTIBELLER, 2015).

Sendo assim, constata-se que a física compreende tudo o que diz respeito ou está relacionado à lógica, à racionalidade, à cientificidade, à certeza, à verificação, à constatação, ao experimento, à vida pura, objetiva, prática e concreta. Nesse sentido, pensando na lógica da vida e na natureza humana que não é racional, mas essencialmente emotiva, percebe-se que a resiliência é um termo muito importante e pouco difundido e trabalhado em todas as áreas, pois algumas pessoas apresentam maior resistência aos fatores agressores que perpassam pela vida, porém inúmeras não. Algumas pessoas, quando se defrontam com dificuldades e problemas, sejam eles de qualquer tipo ou natureza, criam inúmeras alternativas não racionais para controlar os desafios e responder à altura, no sentido da superação. No entanto, muitos não conseguem superar os obstáculos e procuram fugas diversas, que ao invés de melhorar pioram ainda mais uma situação que aparentemente não era tão vulnerável quanto parecia ser.

Assim refletindo, percebe-se uma preocupação com este termo, visto os inúmeros problemas sociais que temos e que precisamos enfrentar em todas as esferas: psíquica, física, social, ambiental, educacional, econômica, política, entre outras diversas. Mesmo que o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS – divulgue os resultados de três anos do **Plano Brasil Sem Miséria**, dados de junho de 2011 a junho de 2014, com demonstrações de gráficos e relatórios diversos, dos eixos do Plano Brasil Sem Miséria, constata-se que os desafios a serem enfrentados pelo Estado ainda são inúmeros, visto a quantidade de problemas que não são resolvidos, sanados ou diminuídos (MONTIBELLER, 2015).

O Relatório do Desenvolvimento Humano 2014, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD –, enfatiza um dado importante sobre os progressos consideráveis que os governos trazem à tona, especificando o tanto que fazem e resolvem, porém questiona se não é algo apenas paliativo:

A maioria dos países tem registrado progressos consideráveis em matéria de desenvolvimento humano ao longo das últimas décadas. Todavia, face aos níveis de vulnerabilidade elevados e crescentes, aumenta a possibilidade de erosão dessas conquistas de desenvolvimento humano, a necessidade de verificar se essas conquistas são

sólidas e sustentáveis, bem como a necessidade de identificar políticas destinadas a reduzir a vulnerabilidade e reformar a resiliência (PNUD, 2014, p. 31).

Diante das vulnerabilidades humanas, segundo o Relatório do Desenvolvimento Humano 2014 (PNUD, 2014), os níveis cresceram consideravelmente no sentido de que o desenvolvimento humano está fragilizado, não garantido plenamente, visto que as conquistas efetivadas até então por alguns países e governos parecem não ser sólidas e concretas, pois não diminuem as expressões. Dessa forma, a preocupação e a necessidade estão no sentido de diminuir situações de vulnerabilidade e expressões da questão social e de reformar a resiliência, ou seja, qualificar as pessoas para o enfrentamento das adversidades que no decorrer da vida vão enfrentar ou estão já enfrentando (MONTIBELLER, 2015).

No contexto destas reflexões sobre resiliência, implicitamente, tem-se analisado a formação inicial e continuada do profissional que atuará ou está atuando no ensino da Física e/ou Ciências Naturais, na Educação Básica. Urge que a temática sobre a resiliência, na formação do profissional, nas diferentes áreas do conhecimento, seja estudada (SANTOS, 2001).

Sendo assim, desenvolver competências, habilidades e estratégias para o fortalecimento dos sujeitos resilientes na sociedade é um dos grandes desafios para todos os profissionais, sejam eles da área da saúde, humana, social, educacional ou não, educadores, professores, médicos, psicólogos, assistentes sociais, historiadores, físicos, químicos, administradores, advogados...

Aonde e como estamos na atualidade? Todos nós somos vulneráveis?

A geração da qual fazemos parte situa-se no momento histórico das últimas décadas do século XX e dos primeiros anos do século XXI; em que negociamos e renegociamos com a herança e as circunstâncias do passado, circunscrevemos e registramos nossas ações/existência no presente e projetamos nossas expectativas de futuro/devir.

O século XX talvez seja o período mais brilhante e criativo da história da humanidade, em especial nos campos da mecânica, da eletrônica, da informática, da robótica, entre outros; os feitos como a chegada do homem à Lua, a fertilização em laboratório, a eficácia de métodos anticoncepcionais, popularização dos telefones móveis, a invenção do GPS, a ampliação das nações e países com regimes democráticos.

Entretanto, existe o outro reverso que envergonha e faz com que se suspeite progressivamente sobre qual será o uso e a finalidade que estes avanços e estes recursos receberão. Esta ressalva é decorrente da experiência das guerras mundiais, da crise financeira de 1929, das experiências de revoluções socialistas tanto na Rússia como na China, de holocausto e campos de concentração, a exploração das riquezas naturais e da exploração humana no interior da África, da Índia, da China e da América Latina, bem como as desigualdades sociais e a concentração da riqueza e de tecnologias cada vez mais nas mãos de poucos, entre outros.

Agora, em meados do século XXI, a crise econômica nos Estados Unidos e na União Europeia, os regimes totalitários na Coreia do Norte e na China, a perpetuação das situações de fome, miséria, a exploração humana pelo sistema econômico, entre outros, atestam que os des-caminhos do progresso da humanidade do século passado ainda não foram superados, fazendo com que uma sensação e sentimento de mal-estar, desconforto e até mesmo de desencanto se instaure no imaginário e nas expectativas dos indivíduos do tempo presente.

Por outro lado, os estados nacionais e os sistemas econômicos, desde o século XVIII, tornaram-se cada vez mais poderosos, agora estruturados e geridos de forma burocrática, que lutam para expandir seu poder sobre as grandes massas e nações, a fim de obter algum controle sobre suas vidas; enfim, dirigindo e manipulando pessoas e instituições rumo a uma economia/

mercado capitalista mundial.

A sociedade civil, os cidadãos propriamente ditos, foram, gradualmente, sendo enfraquecidos. O acúmulo de fatos, objetos e tecnologias tornaram os indivíduos incapazes de se situar diante das proporções que a economia e o capital ganharam, o que favoreceu ainda mais o quadro do processo civilizatório da globalização.

O modelo econômico fez com que cada vez mais o Estado reduzisse a sua estrutura e interferência nas formas de obtenção de matéria-prima, nos modos de produção e nas relações e transações do comércio. Assim, no interior da sociedade abriu-se o caminho para que instituições financeiras terceirizadas atuassem no sentido de garantir bem-estar e serviços de infraestrutura que deveriam ser oferecidas pelo Estado (DIEHL; TEDESCO, 2001).

O sistema econômico do capitalismo se instaurou no interior dos governos, fazendo com que as estruturas políticas da democracia e o exercício de cidadania por parte da população fossem enfraquecidos. O passo seguinte foi o da revolução científica e tecnológica, que encontrou a liberdade de investigação e criação para ultrapassar a censura que havia sofrido nos tempos pré-modernos. (DIEHL, 1993).

Bauman (2001) aponta que o responsável por este contexto de mudanças também é o próprio homem mediante a (des)configuração que este sofreu diante das exigências competitivas do mundo moderno. Hoje, mais do que nunca, o homem necessita de produtos pré e/ou fabricados, e em função destes são programadas as demais necessidades, como o tempo de trabalho, o tempo livre, os períodos de intervalo, os momentos das refeições, as férias, entre outros.

Como as sociedades nunca foram estáticas e nunca serão, desde a Antiguidade vivencia-se processos de liberdade e democracia, servidão e autoritarismo, necessidades supridas e não supridas, avanços e retrocessos sociais, por isso que o princípio da ação e reação também pode ser caracterizado por analogia, visto que, se para a física as forças atuam sempre em pares, assim, para toda força de ação existe uma força de reação. Percebe-se que, na sociedade contemporânea, com a mundialização da economia, os sentidos não se alteram e não deixam de ser diferentes, principalmente no que tange à relação do Estado com a sociedade civil e com a sociedade de mercado, entre a esfera pública e privada. Forças existentes nas sociedades nunca deixaram de existir, sendo que no capitalismo também atuam em forma de ação e reação, reação e outra nova ação, e assim sucessivamente, fazendo emergir novas perspectivas de análises, novos saberes, novos fazeres profissionais, novas configurações e acirramentos, tanto da esfera econômica quanto social (MONTIBELLER, 2015).

A contemporânea economia mundializada possui meandros e aspectos de alta complexidade, importando em diferenciadas análises a depender das ideologias e dos projetos societários que as embasam. O projeto do novo desenvolvimentismo, numa economia dependente como a do Brasil, embora em tese intente aproximar os índices de crescimentos econômicos e sociais, esbarra nos componentes estruturais de formação da sociedade brasileira, que acumula séculos de miséria e pobreza (CASTRO, 2013, p. 364).

Nesse sentido, vamos compreendendo que a mundialização da economia proporcionou o acirramento das expressões sociais, em que averiguamos novas e multifacetadas expressões degradantes na sociedade que aparecem inevitavelmente no cenário contemporâneo.

O desafio do saber e fazer nos tempos contemporâneos

Neste aspecto, as reflexões de Fromm (1976) se fazem pertinentes no ponto em que ele

discute que a técnica nos tornou onipotentes (pode-se tudo); a ciência nos fez oniscientes (sabe-se tudo).

O homem moderno e contemporâneo encontra-se ávido e sedento por mais, e alcançar cada vez mais níveis mais específicos, profundos e complexos. A partir de então, a natureza, os corpos e os materiais tinham de ser “acossados em seus descaminhos”, “obrigados a servir” e “escravizados”. O comando foi o de “reduzir à obediência”, e o objetivo do cientista foi de “extrair da natureza, sob tortura, todos os seus segredos” (CAPRA, 1982).

Os custos desta abordagem foram corrompidos, e perdidos os sentidos da visão, do som, do gosto, do tato e do olfato, e com eles comprometeu-se também a sensibilidade estética e ética, os valores, a qualidade, a forma, o belo, o sublime, o espírito, o transcendental; todos os sentimentos, as emoções, os motivos, as intenções, a alma, a consciência, o espírito.

Em outras palavras, no intuito de se estudar o sistema respiratório, isolou-se o sistema digestivo, não foi levado em conta o sistema nervoso e nem o circulatório, quando cada um possuía relação com os demais sistemas e estruturas do organismo. A visão do mundo e da vida moderna e que ainda prevalece nos tempos contemporâneos foi conduzida a partir de duas distinções fundamentais, entre o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum, por um lado, e entre a natureza e a pessoa humana, por outro, ambos completamente dissociados (SANTOS, 1995).

A exemplo disso, tem-se que diante do aumento da taxa de suicídios na Europa do século XIX, os estudiosos e os pesquisadores sociais procuravam pelos motivos reais dos suicidas na verificação de condições tais como o sexo, o estado civil, a existência ou não de filhos, na religião dos suicidas, o trabalho, entre outros, e ao invés de procurar por indícios nas relações mais íntimas, pessoais, subjetivas, mentais, nas literaturas que os indivíduos liam ou nas cartas que escreviam (SANTOS, 1995).

O desenvolvimento das máquinas artificiais rumo à autonomia crescente, à auto-organização e o desenvolvimento futuro das inteligências artificiais faz imaginar a era das metamáquinas, que, associadas às micromáquinas nas nanotecnologias, liberariam os seres humanos de todas as obrigações secundárias e tarefas subalternas, permitindo-lhes viver poeticamente, dedicar-se ao desenvolvimento moral e espiritual; no entanto, percebe-se a permanência de sistemas totalitários, a concentração de renda e riqueza, a exploração do trabalho, a violação dos direitos humanos, intolerâncias religiosas, questões raciais e de gênero cada vez mais acirradas (MORIN, 2007).

O conhecimento e a ciência emergentes a partir das reflexões da época moderna e contemporânea devem ser um conhecimento não dualista, um conhecimento que se funde na superação das distinções tão familiares e óbvias que até há pouco tempo eram consideradas insubstituíveis, tais como natureza/cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo, coletivo/individual, animal/pessoa. Devem ser formulados e propostos numa lógica em que as ciências naturais se aproximem das ciências sociais, e estas, por sua vez, aproximem-se das humanidades.

Depois da euforia cientista do século XIX e da conseqüente aversão às reflexões filosóficas, históricas e sociológicas expressas pelo pensamento positivista, chegamos ao início do século XXI possuídos pelo desejo quase desesperado de complementarmos cada vez mais os conhecimentos que possuímos das coisas, isto é, em especial o conhecimento que supomos ter sobre nós mesmos.

Reflexões sobre a pós-modernidade: novos tempos, modernos?

A pós-modernidade pode ser entendida como uma condição sociocultural e estética do

capitalismo contemporâneo, conjunto de ideias, valores e estilos. Ela emerge no processo de crítica e contestação das certezas metafísicas do pensamento moderno na segunda metade do século XX. Diversas mudanças significativas se tornam evidentes no que diz respeito ao modo de pensar, criar, expressar, inovar e fazer a sociedade capitalista pós-industrial. Surgem, então, correntes interpretativas de pensamento da sociedade pós-moderna, envolvendo a arte, a cultura e a ciência.

O filósofo Lyotard³ discute a questão da modernidade e da emancipação do sujeito, enfatizando a “condição pós-moderna” como uma necessidade de superação humana, sobretudo superação de uma crença absoluta na ciência e na razão como formas de emancipação humana. Estas são, na verdade, responsáveis pela continuação da subjugação do indivíduo. De acordo com Lyotard (2002), a emancipação do ser humano, enquanto sujeito, deve ser alcançada através da valorização do intuitivo, do sentimento e da arte, daquilo que o homem possui de mais criativo e, portanto, de mais livre. Enfatizou a “condição pós-moderna”, que se caracteriza pelo fim das metanarrativas, ou seja, de grandes referenciais, nas quais os grandes esquemas de análise, interpretação e explicação da sociedade teriam caído em total descrédito e não haveria mais garantias e certezas, posto que mesmo a ciência já não poderia ser considerada como a fonte da verdade e de emancipação humana.

Lyotard, em seu livro *A Condição Pós-Moderna* (1979), utiliza exatamente a expressão “jogos de linguagem”, originalmente desenvolvidos por Wittgenstein, enfatizando uma característica da experiência da pós-modernidade, de fragmentação e multiplicação de centros de referência e de certeza, de complexidade das relações sociais dos sujeitos, bem como do desamparo do ser humano tanto como ser de linguagem como da própria linguagem. Uma determinada cultura, por mais estranha que pareça, é legítima em si mesma, ainda que a razão instrumental da modernidade não veja nela nenhum significado. O conhecimento narrativo de uma cultura tem o seu jogo de linguagem próprio e não precisa de legitimação, ainda que o discurso científico interprete esse jogo de linguagem narrativo como sendo ignorância, barbárie ou superstição (LYOTARD, 2002).

Nesse sentido, Lyotard fala das metanarrativas, ou grandes referenciais, que expressam os valores que caracterizam a modernidade, os quais são: a emancipação da razão e liberdade, o enriquecimento da humanidade, o progresso da sociedade capitalista e tecnocientífica, o Estado burocrático moderno ou os grandes nomes da revolução comunista [...]. Segundo o autor, apesar da afirmação de legitimidade e de totalidade das metanarrativas da modernidade, a ciência e a tecnologia não concretizam as suas propostas (metanarrativas) de universalidade do bem comum. Ao contrário, aceleram o processo de pulverização e de destruição (WESTPHAL, 2006, p. 122-123).

Frente a esta dicotomia das metanarrativas da modernidade cuja ciência e tecnologia não concretizam suas propostas de inclusão e universalidade do bem comum, algumas reflexões e questionamentos são inevitáveis.

Assim, seguindo a linha de pensamento de Dufour e Bové (2001), será que a quebra das tradições, costumes e valores não evidenciam conseqüentemente, dessa forma, uma falta de sentido da vida, bem como de significados simbólicos? O que está acontecendo com os quadros de referência, grandes sagas de legitimação, especialmente as da religião e da política, que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social? Que perspectiva idealista

3 Jean-François Lyotard (1924-1998), filósofo francês, foi considerado um dos expoentes do pensamento pós-moderno, também denominado pós-metafísico.

de libertação e de autonomia está se formando na consciência dos indivíduos? Que fenômenos estão vinculados à transformação da condição do sujeito nas “democracias de mercado” e nas novas formas de alienação e desigualdade sociocultural? Será que a humanidade não está amparada por um vazio existencial, vinculado às paixões momentâneas e diversas, a crenças cegas à ciência, às tecnologias, às religiões, ao exagero, ao consumo, ao prazer sem reservas, à liberdade sem limites?

Para aqueles teóricos que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós mesmos como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 1999, p. 9).

Será que o desenvolvimento científico está a serviço da humanidade? Será que os jogos de linguagem da ciência não proporcionam a quebra das tradições? Levam ao vazio existencial e à dificuldade ou impossibilidade de se construir um pensamento ideal e pessoal, ou até mesmo de construção coletiva de ideais e valores culturais?

A quebra das tradições na modernidade leva ao desamparo existencial, pois são o suporte para que os valores sejam transmitidos e que moldem o imaginário e o mundo simbólico das pessoas. Os mitos, as narrativas, as poesias, os contos, as orações do dia, as orações fúnebres, são fundamentais para que o simbólico e os valores sejam transmitidos para as novas gerações (WESTPHAL, 2006, p. 125).

Vários teóricos constatarem que a cultura pós-moderna está sendo desafiada a retomar a discussão em torno de valores éticos agregadores. Isso parece ser necessário, porque estão sendo priorizadas as promessas de desenvolvimento e de progresso, que são os bens materiais, sem, contudo, priorizar os bens imateriais como valores, família e vínculos sociais, assim se tem uma cultura do ter em detrimento do ser, que não consegue estabelecer relações de sentido para a vida (SENNET, 2004).

Assim, o vazio de sentido para a vida pode ser preenchido com qualquer coisa, como, por exemplo, com as drogas ilícitas como também pelas lícitas, visto que não é de se estranhar o número considerável de transtornos psíquicos na sociedade dita pós-moderna.

Constatamos a erosão da visão humanista do homem - da sua centralidade nas relações sociais igualitárias, fraternas e no postulado de liberdade -, que foi tão cara para a Revolução Francesa e para as sociedades que se organizaram a partir dessa premissa. Percebemos que a sociedade pós-moderna radicalizou a máxima do Iluminismo, que dizia que o ser humano é a medida de todas as coisas, concomitantemente aprofundou e permitiu a alienação do ser humano para consigo mesmo, para com os seus semelhantes e para com a natureza. Nessa perspectiva, o ser humano passou a ser apenas uma coisa, que existe na medida em que interessa ao mercado. Desta forma, o próprio homem colocou o fundamento conceptual no ter, no adquirir, na matéria. Segundo Gianni Vattimo (2002), importante filósofo italiano, a pós-modernidade rompe com a noção de história, dilui com a visão humanística e rompe com a tradição judaico-cristã,

ou seja, a pós-modernidade é pós-humana, pós-histórica e pós-cristã. Segundo ele, o conceito de humanismo e a identidade histórica da cultura ocidental estão fundamentados na tradição hebraico-cristã, porém distorcida fundamentalmente (VATTIMO, 2002).

Conforme Farago (2006), a modernidade aprofundou o anonimato e dissolveu o indivíduo na multidão das ideologias e dos povos sacrificados de sua individualidade. Assim sendo, a vida não pode ser reduzida a uma aventura trivial. Infelizmente, na atualidade, a vida para muitos está sendo considerada uma aventura trivial, sem sentido, sem razão, sem objetividade, findada no vazio existencial de medo e insegurança em todos os sentidos, um vazio do e para o próprio ser humano que não é mais pensante, nem emotivo, mas consumista e alienado.

Considerações finais

Que tempos são esses que não garantem estabilidade, segurança e qualidade de vida para as pessoas? Na atualidade, indiferente do termo que se deseja empregar ou falar, estamos todos em situação de vulnerabilidade e risco social; alguns menos, alguns mais.

Pretende-se achar caminhos para a reconstrução dos valores, como bens imateriais e culturais, visto que a pós-modernidade rompeu com a identidade do sujeito e com os vínculos sociais, pois particularizou a percepção da realidade ao romper com os valores universais como a família, a religião, entre outros valores. Assim desenvolveu e desenvolve conflitos diversos, conflitos éticos significativos, pois desconstruiu vínculos históricos e sociais fundamentais, como o sentimento de valorização de si e de pertença familiar e social.

A ausência de valores e de referências e o vazio de sentido são preenchidos por atitudes autodestruidoras por parte de muitas pessoas que não conseguem enfrentar e superar seus próprios problemas, conflitos, situações adversas de vulnerabilidade social.

Referências

BARLACH, Lisete. O que é resiliência humana? Uma contribuição para a construção do conceito. 2005. Dissertação de Mestrado. Inédita. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

BARLACH, Lisete; LIMONGI-FRANCA, Ana Cristina; MALVEZZI, Sigmar. O conceito de resiliência aplicado ao trabalho nas organizações. **Interam. j. psychol.** Porto Alegre, v. 42, n. 1, abr. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902008000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 8 jun. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Ed. Pensamento/Cultrix, 1982.

DIEHL, Astor Antônio. **A cultura historiográfica nos anos 80**: mudança estrutural na matriz historiográfica brasileira. Porto Alegre: Evangraf, 1993.

DIEHL, Astor Antônio; TEDESCO, João Carlos. **Epistemologia das ciências sociais**: considerações introdutórias de um debate. Passo Fundo: Clío, 2001.

DUFOUR, François; BOVÉ, José. **O mundo não é uma mercadoria**. São Paulo: UNESP, 2001.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Trad. Ephraim Alves. Petrópolis: Vozes, 2006.

FOCHI, Graciela. **Cultura e sociedade na modernidade**. Indaial: UNIASSELVI, 2013.

FROMM, Erich. **Ter ou ser?** Rio de Janeiro: LTC, 1976.

GOLDSTEIN, Thaís Seltzer. Entre o conceito e a metáfora: a resiliência como abordagem do humano a partir da física dos materiais. **O Mundo da Saúde**. São Paulo, 2012, p. 327-331. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/93/art08.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2015.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001.

LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna**. 7. ed. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MONTIBELLER, Cristiana. **A filosofia da linguagem de Wittgenstein: um pensar cultural sobre os “jogos de linguagem”**. Joinville: UNIVILLE, 2011.

_____. **Questão social e serviço social**. Indaial: GRUPO UNIASSELVI, 2015.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NASCIMENTO, Álvaro Botelho de Melo. **Estigma, sociabilidade e práticas terapêuticas: a terapia comunitária como âncora e alívio do transtorno mental**. 2015. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Recife: Pernambuco. 136 f. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/13983/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Alvaro%20Botelho%20de%20Melo%20Nascimento.pdf?sequence=1&i-sAllowed=y>>. Acesso em: 8 jun. 2015.

PNUD. **Relatório do Desenvolvimento Humano**. 2014. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/arquivos/RDH2014pt.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. Porto/Lisboa: Afrontamento, 1995.

SANTOS, Edilson Duarte dos. **A Experimentação no Ensino de Ciências de 5ª a 8ª Séries do Ensino Fundamental: Tendências da Pesquisa Acadêmica entre 1972 e 1995**. 2001. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 8. ed. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2004.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

WESTPHAL, Euler Renato. **Brincando no paraíso perdido**: as estruturas religiosas da ciência. São Bento do Sul: União Cristã, 2006.

_____. **O oitavo dia na era da seleção artificial**. São Bento do Sul: União Cristã, 2004.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.